


O ERÓTICO EM A VÊNUS DAS PELES DE SACHER-MASOCH: Interdito e Transgressão no contrato de submissão

THE EROTIC IN VENUS IN FURS BY SACHER-MASOCH: Taboo and
Transgression in the submission contract

Jamile Bispo Santos ¹

 <https://orcid.org/0000-0002-5654-2437>

Aldineto Miranda Santos ²

RESUMO

Este artigo analisou os interditos sexuais no romance *A Vênus das Peles* (2015) de Sacher-Masoch (1836-1895), mapeando a trajetória erótica do contrato de submissão estabelecido pelos personagens da narrativa, partindo do princípio de que o erotismo é a aprovação da vida até na morte, exatamente por essas duas forças serem análogas: o erotismo tem valor da morte, seu sentido primeiro, colocando em pauta a morte, mas uma morte metafórica – a morte de um estado para o surgimento de outro (Bataille, 2017). Dessa forma, o tratamento teórico da discussão esteve baseado nos conceitos de Erotismo, Interdito e Transgressão na perspectiva dos estudos de Bataille (2017) e Castelo Branco (2004), também se tornou necessário entender a sexualidade enquanto pulsão psíquica, a qual Freud (1940) traz como força motriz da psiquê humana. A metodologia adotada no corpus de pesquisa, seguiu a base interpretativa de Deleuze (2009), a qual permitiu compreender que a violência que cerca a relação dos personagens tem por finalidade suspender a morte, fazendo uso do sofrimento, do chicote, para alcançar o união eros-morte.

Palavras-chave: Erotismo. Interdito. Transgressão.

ABSTRACT

This article analyzes the sexual interdicts in the novel *A Vênus das Peles* (2015) by Sacher-Masoch (1836-1895), mapping the erotic trajectory of the contract of submission established by the characters in the narrative, assuming that eroticism is the approval of life even in death, precisely because these two forces are analogous: eroticism has the value of death, its first meaning, putting death on the agenda, but a metaphorical death – the death of one state to the state of another (Bataille, 2017). Thus, the theoretical treatment of the discussion was based on the concepts of Eroticism, Prohibition and Transgression from the perspective of studies by Bataille (2017) and Castelo Branco (2004), it also became necessary to understand sexuality as a psychic drive, which Freud (1940) brings as the driving force of the human

¹ Mestra em Letras: linguagens e representações – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Especialista em educação, cultura e linguagens – Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus* Eunápolis. Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: jamile.bispo.santos@hotmail.com.

² Doutorando em Educação e Contemporaneidade no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduc/UNEB) e Mestre em Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Docente do Instituto Federal da Bahia (IFBA), *Campus* Eunápolis e membro do Colegiado da Pós-Graduação Lato Sensu em Educação, Cultura e Linguagens. E-mail: aldineto.santos@ifba.edu.br.

psyche. The methodology adopted in the research corpus followed the interpretative basis of Deleuze (2009), which allowed us to understand that the violence that surrounds the characters' relationship has the effect of suspending death, making use of suffering, of the whip, to achieve union eros-death.

Keywords: Eroticism. Forbidden. Transgression.

1. INTRODUÇÃO

Na perspectiva freudiana, a sexualidade é entendida a partir da influência que ela exerce sobre a *psiquê*, situando-se para além do processo reprodutivo. Nesse sentido, constitui-se como um conjunto de representações inconscientes pertencentes ao ser humano. Dessa forma, o conceito psicanalítico de sexualidade, proposto por Freud (1940), revela especificidades diferentes de tudo aquilo que até então já se havia falado sobre o tema. Afinal, a sexualidade aparece como força, ou seja: sexo é energia. Essa energia vital está ligada precisamente aos instintos³, os quais possuem um papel importante na estrutura orgânica dos seres humanos, atuando tanto no meio interno como no externo de sua vida. (Silva; Brigídio, 2016).

Nesse contexto, sob a ótica da perspectiva freudiana, o aparelho psíquico é regido por dois princípios: o princípio do prazer e o princípio da realidade⁴. O princípio de prazer domina os processos inconscientes primários, não sendo, portanto, influenciado pelos processos culturais. Ele busca proporcionar prazer e evitar o desprazer. Dessa forma, o princípio do prazer intenta a todo o custo a satisfação, ele não retrocede, busca realizar-se imediatamente, não conhece interditos e/ou limites. Em contraposição, o princípio de realidade regula a busca pela satisfação, considerando as condições impostas pela civilização, atua substituindo o princípio de prazer, porém, como uma proteção e não como uma deposição deste último (Marcuse, 1975). Dessa forma, controlar o prazer e o desprazer torna-se fundamental para a sobrevivência dos indivíduos inseridos em uma sociedade.

Desse modo, a meta da civilização (Freud, 2021) consiste na manutenção dos controles culturais que são impostos ao ser humano sob a forma de civilidade. A

³ Necessário aqui diferenciar instinto de Pulsão, em Freud a Pulsão está além do instinto, este é biológico enquanto a pulsão se refere à estrutura psíquica da sexualidade humana, contudo alguns autores e até mesmo o próprio Freud utiliza do termo instinto numa acepção semelhante ao sentido do termo Pulsão em alguns escritos.

⁴ Segundo Marcuse (1975), o princípio de prazer está para o inconsciente (esquecido pela memória) enquanto o princípio de realidade está no consciente (sofre interferência do meio externo).

principal contenção é a dos impulsos sexuais, e isto ocorre por meio do trabalho (princípio do desempenho⁵) em que impera a racionalidade - possibilitando a passagem do animal ao humano - prolongando a vida e controlando a sexualidade para finalidades úteis à sociedade. Os instintos animais, anteriores ao processo civilizatório, convertem-se em pulsões sob a influência da realidade externa. (Marcuse, 1975). Nesse sentido, limitar a vivência sexual acarretou em significativas transformações. O que era um impulso animal livre transfigurou-se em uma atividade social regulada e reguladora. A partir desse fato é que a prática sexual se tornou erótica: a essência do erotismo reside na sua relação com essa normatização.

Nesse sentido, o erotismo é compreendido como uma procura psicológica independente do fim reprodutivo, diferindo-se da atividade sexual comum a todos os animais sexuais (Bataille, 2017). Com a regulação da atividade sexual, por demandar perda de energia inútil a sociedade, as diversas práticas eróticas foram relegadas ao pecaminoso, isso porque a experiência do erotismo provoca a consagração da experiência do pecado, uma vez que a consciência do interdito se dá no momento da transgressão.

À vista disso, é o interdito que põe em evidência a problemática da liberdade sexual, uma vez que a consciência do “pecado” só acontece quando há a transgressão. Entende-se que o interdito não anula o desejo, mas o controla. Por isso a própria transgressão está, muitas vezes, cercada por regras. Então, se o interdito marca o distanciamento do ser humano da animalidade, a transgressão define a sua vida social, porque o transgredir suspende temporariamente o interdito, sem que com isso o exclua.

Desse modo, o presente artigo objetiva analisar os interditos sexuais no romance *A Vênus das Peles* de Sacher-Masoch, mapeando a trajetória erótica do contrato de submissão estabelecido pelos personagens da narrativa, a partir do contexto histórico no qual a obra foi escrita. O valor transgressivo de um discurso erótico é mutável; as definições do que é ou não erótico são transitórias e tão vastas quanto as práticas consideradas proibidas ou lascivas: práticas e imagens

⁵ Em Marcuse (1975, pag.51) o princípio do desempenho se caracteriza pela forma histórica do princípio da realidade, que se consubstancia ao modo de produção e ao trabalho realizado pelos indivíduos para sublimar as pulsões advindas do princípio do prazer. O trabalho, segundo o autor, ocupa boa parte da existência do indivíduo amadurecido, e a forma como o princípio da realidade se estabelece em cada momento histórico, contribui para mais ou menos repressão.

consideradas eróticas aqui e agora podem não ser vistas dessa forma em outras culturas ou épocas. Nesse sentido, o erótico se estabelece na dimensão cultural.

Para a consecução dos objetivos propostos, realizou-se uma revisão bibliográfica do conceito de Erotismo (Bataille, 2017) e uma análise literária na perspectiva de Deleuze (2009), a qual permitiu compreender que a busca por *Tânatos* advém na transgressão com *Eros*.

2. O Erotismo: o jogo entre interdito e transgressão

As raízes do erotismo, associada às vivências sexuais, têm como arquétipo o deus do amor, denominado *Eros* na mitologia grega ou Cupido para os latinos. Destacamos que tais vivências não tem a obrigatoriedade de desembocar no sexo para serem eróticas, uma vez que são inerentes à vida interior do ser humano. No enlace do mito grego, *Eros* é filho de *Afrodite* o qual foi enviado por ela para corromper *Psiquê*, mulher de beleza extraordinária capaz de provocar ciúmes na deusa da beleza. O ápice do mito centra-se na paixão do deus por *Psiquê* que a desposa sem revelar sua identidade, ou seja, de maneira mascarada. *Eros* a detém, para a ira de sua mãe.

Nutrida por uma curiosidade imensa, e por influência de suas irmãs, enciumadas por sua felicidade e, contrariando as advertências do seu amante, *Psiquê* des-cobre a face de *Eros* e admirada por tamanho encanto, nem se dá conta do candeeiro que está em sua mão. Ao curvar-se em demasia para beijá-lo, uma gota do óleo fervente cai no ombro do deus adormecido, queimando-o, fato que o desperta e o deixa extremamente irritado ao perceber que o acordo estabelecido entre eles foi rompido. *Eros* a abandona voando para longe e deixa *Psiquê* inconsolável. A partir de então, *Psiquê* saiu pelo mundo em busca do amor que perdera. (Brandão, 1987).

Segundo Castelo Branco (2004), *Eros* assume a configuração da eterna incompletude, o movimento de *Eros* deriva de uma falta, de uma carência, e se constrói em direção ao resgate de uma situação anterior de plenitude e de totalidade:

Daí a natureza paradoxal do deus: porque busca a perenização do prazer, a superação da transitoriedade humana, termina por desembocar na morte, na afirmação dessa transitoriedade; porque busca a fusão total dos seres, a reconstituição de um momento anterior de "androginiã", convive com o aniquilamento, com a ruptura,

com a solidão íntima de indivíduos mutilados e incompletos. (2004, p. 70).

Nesse sentido, *Eros* é a apreensão dos dois mundos (vida e morte) que reparte, no sentido platônico⁶, os seres humanos, na eterna busca pela completude. *Eros* é o desejo paradoxal e incapturável. Numa perspectiva mais dionisíaca de erotismo, Bataille (2017) nos revela o quanto a experiência erótica individualiza e transcende o sujeito, uma vez que o erotismo é o desequilíbrio consciente do eu que se perde e encontra-se no desejo.

Para melhor compreender esse desequilíbrio erótico, é preciso retomar a noção do pecado original, noção fundadora da concepção cristã ocidental, justamente porque “a experiência interior do erotismo exige daquele que a faz uma sensibilidade não menor que à angústia que funda o interdito do que ao desejo que leva a infringi-lo”. (Bataille, 2017, p. 62). Essa angústia e culpa que circunda o erotismo, estabelece relação com a perspectiva do discurso religioso da gênese humana, consolidada na dor, sofrimento e morte como castigo pela transgressão da ordem divina. Rosa (2011) salienta que:

O simbolismo alegórico do princípio se estrutura nesses moldes: o discurso da serpente astuta que seduz, primeiramente, a mulher. O discurso astuto da mulher que, por sua vez, coloca a perder o homem e a humanidade inteira! Esta atitude subversiva, contrária ao estabelecimento pactualmente, recebe a designação e significação do *pecado original* (provar o fruto da árvore proibida, do conhecimento do bem e do mal. (p. 134).

É então, com decaimento do ser humano, que a Terra passa a ser um lugar relegado ao experimento das perturbações físico-psíquicas como dívida por sua transgressão. Nesse sentido, cabe a religião, como elemento de ligação entre o humano e o divino, orientar o pecador (sinônimo de toda humanidade) de que a redenção e a salvação são possíveis mediante a expiação do delito, garantindo, dessa forma, um além-mundo, transcendente e livre de sofrimento. Contudo, para chegar a

⁶ No Banquete de Platão, dentre os vários discursos sobre o amor, Sócrates conta que ouviu de uma mulher chamada Diotima o mito no qual o amor seria filho Póros (Riqueza, fartura) com Penia (Pobreza), ela teria se deitado com Poros, aproveitando-se por este estar embriagado. Dessa união nasceu Eros, o qual teria duas naturezas: sendo filho da pobreza estaria sempre carente, sempre descalço e sem lar; contudo, por ser filho de Poros, é sempre ávido, busca o belo, está sempre no meio entre a posse e a necessidade, entre a sabedoria e a ignorância. Vive em busca da completude. (PLATÃO, 1991)

essa dimensão, é necessário a negação do corpo e do mundo terreno. Nesse ínterim, a sexualidade possui limites estabelecidos, sua finalidade deve ser, simplesmente, a procriação. Dessa forma, a expiação é controladora dos atos humanos, relegando o prazer não normativo como contravenção moral e uma das provocadoras de culpabilidade. O erotismo é a criação humana que difere da normatividade do ser, pois permite a descarga de energia e o prazer que anula a procriação permitida pelo divino.

Com isso, o erotismo põe em jogo a experiência do pecado, pois a prática erótica exige a supressão do interdito, fazendo emergir no sujeito o prazer associado a infração compulsória da normatividade moral. Nesse ínterim, a religiosidade cristã opõe-se à transgressão, na medida em que nega sua importância e a condena. Lembremo-nos que o anjo da transgressão foi expulso do campo divino.

Assim, o cristianismo não mediu esforços para que as práticas pagãs desaparecessem. A atividade sexual, fora do casamento, passou a ser considerada impura, com isso as orgias também foram negadas. Ademais, o sacrifício deveria ser feito a vontade do sujeito; a continuidade do ser seria encontrado em Deus, o sagrado foi reduzido a um Deus e a transgressão foi chamada de pecado. (Zucchi, 2014). De acordo com Bataille (2017), “a evolução do erotismo é paralela à impureza”. (p.117).

2.1 A transgressão erótica

O erotismo funda-se no jogo entre interdito e transgressão, sendo os interditos culturais a mola propulsora do desenvolvimento do erotismo, podemos afirmar que não existe prática erótica sem transgressão. A transgressão está relacionada a crenças e práticas culturais e discursivas. Nesse sentido Bataille (2017) alicerça o erotismo no seio cultural por ele diferenciar o homem do animal, assim, somente distinto da sua animalidade é que o homem faz de sua prática sexual uma ação erótica.

Primeiramente, o erotismo difere da sexualidade dos animais no ponto em que a sexualidade humana é limitada pelos interditos, cuja transgressão, pertence ao campo do erotismo, O desejo do erotismo é o desejo que triunfa do interdito. (Bataille, 2017, p. 238).

A ruptura do animal em humano, possibilita que a transformação da sexualidade em erotismo diferencie o ser humano dos demais animais sexuados.

Nesse viés, o erotismo é a cisão do equilíbrio dos limites impostos pela razão, porque pertence à vida interior do homem, o qual deseja a exterioridade do objeto buscando a interioridade do desejo, ou seja, a animalidade é superada ao erotismo pôr em questão a vida interior na consciência do homem. (Bataille, 2017).

Concordando com a perspectiva batailliana, acerca da experiência do erotismo, Valença (1994) ressalta, que esse experienciar, implica a reversão dos limites instituídos pela realidade e seus interditos epistêmicos, só assim é possível compreender a natureza essencialmente transgressora do erotismo. Além do mais, “nas sociedades, de modo geral, independentemente do tempo e do espaço, o interdito está na gênese da conduta erótica, cuja transgressão é possível porque existem as proibições.” (1994, p. 154).

À vista disso, o conjunto de normas, limites ou imposições sobre a vivência sexual acarretou em significativas transformações, porém, mesmo variando as épocas ou os lugares, tais normatizações não foram suficientes para suprimir o erótico, na verdade se constituem como uma força necessária para a afirmação de sua existência.

Foi partir dos interditos que a prática sexual se tornou erótica: a essência do erotismo reside na sua relação com essa normatização, os interditos podem ser transgredidos, e essa transgressão é tanto aceita quanto estimulada. Nessa perspectiva, o mundo do trabalho é um dos grandes interditos culturais, que não só modificou o estilo de vida dos seres humanos, bem como se constitui como um eixo central para a sobrevivência do projeto de sociedade.

Enquanto o trabalho, dentro de seus limites, representa o possível; a experiência interior traz a possibilidade de modificação desses limites. Isso porque, sendo ordenado pela razão convencional, o trabalho demanda grande gasto de energia e, conseqüentemente, provoca na experiência interior do erotismo uma oposição violenta e violadora a tudo que o cerca. Nisso reside a natureza da transgressão erótica: de um lado estão as proibições ligadas à ordem; de outro, a possibilidade de ultrapassar o ordinário e resgatar o que o mundo do trabalho e da razão sonham. (Valença, 1994).

Nesse íterim, a transgressão erótica é um limítrofe racional por ser constituída de interditos. Para Bataille (2017), o erótico está no domínio da violência, é o elemento que escapa ao controle da razão é o que o mundo do trabalho exclui através dos

interditos. Portanto, a transgressão erótica pode ser vista como a possibilidade paradoxal de rompimento dos limites/ interditos. Essa paradoxal transgressão erótica de ultrapassar os interditos, ainda que eles continuem a existir socialmente, e o jogo erótico entre interdito e transgressão, são pontos essenciais para a discussão sobre a obra literária *Vênus das Peles*.

3. PINCELADAS EXTRALITERÁRIAS DE A VÊNUS DAS PELES

Antes de adentrar aos aspectos concernentes ao enlace da narrativa, são necessários alguns apontamentos extraliterários, tais como: o contexto sócio-histórico da época (séc. XIX) e as especulações sobre a história da obra ser inspirada na vida do escritor de *A vênus das peles*.

É sabido que o século XIX tem como marco crucial a virada ruralista para a industrial e, com isso, há a inserção da economia industrial, capitalista, responsável por remodelar as relações sociais e os valores morais da sociedade da época. Desta forma, os discursos sobre sexo foram reformulados, já que os dispositivos de saturação sexual são incorporados no rito social.

Portanto, desvia-se do modelo hierárquico para o modelo reprodutivo, como consequência, multiplicam-se os discursos sobre o sexo, ou melhor: produções de verdade sobre o sexo, pois “a vontade de saber sustenta o discurso científico no Ocidente ao passo que há uma vontade obstinada de não saber” (Foucault, 1998, p. 55).

Diante desse cenário, a sexualidade se torna o alvo da ciência, que, por vias científicas, produz discursos sobre o cuidado do corpo feminino e, principalmente, para conduzir os parâmetros normais que o indivíduo deve realizar para obter o prazer sexual. Ao contrário do que se possa imaginar, o século XIX não simplesmente reprimiu o sexo e/ou a sexualidade, mas os evidenciou como discurso científico, estabelecendo inclusive o que era considerado normal e o que era perversão, esta, se caracterizando como tudo aquilo que foge ao padrão estabelecido cultural e discursivamente. Nesse sentido, segundo Foucault (1998), a perversão é uma transgressão das regras convencionadas pela civilização/cultura que elegeu a procriação como função da sexualidade.

Dessa forma, é estabelecido que há um modo coerente, saudável e normal das relações sexuais, as quais não acarretariam doenças psíquicas. Lembrando que todo prazer que foge a heteronormatividade, e a ritualística do penetrador-penetrada, pertence ao campo da perversão, portanto, é um problema psiquiátrico.

Segundo Deleuze (2009): “as condições de censura e de tolerância no século XIX eram muito diferentes das nossas; tolerava-se mais a sexualidade difusa, com menores precisões orgânicas e psíquicas”. (p. 10). Nesse contexto que vive Leopold von Sacher-Masoch, um homem nascido em 1835, na cidade de Lemberg, na região da Galícia. Em conformidade com França e Machado (2012), Sacher-Masoch teve em seu percurso literário obras diversificadas que capitavam as forças do romantismo alemão e enlaçava a condição humana ao erotismo. Pautando a escrita em questões de cunho histórico, cultural, místico e político, destacava os problemas relativo as minorias, aos nacionalismos e aos movimentos revolucionários do antigo Império Austro-Húngaro.

As especulações sobre essa obra literária não param por aí, isso porque a vida de Sacher-Masoch foi parecida com o personagem principal da obra: vivendo de forma ultrassensual; alguns críticos literários afirmam que a relação entre Wanda e Severin foi inspirada no seu relacionamento amoroso com Fanny von Pistor.

Ao publicar a *vênus das peles*, o autor subverte a lógica da relação entre o homem (ativo) e mulher (passivo). O caráter transgressor da narrativa literária é convertido pelo psiquiatra Krafft-Ebing (1886)⁷ em descrição sintomatológica para a criação de uma aberração sexual, denominando-a de masoquismo.

As psicopatias sexuais descritas por Krafft-Ebing viam-se catalogadas como um manual do que não fazer para ser considerado um sujeito normal, com uma sexualidade saudável.

E foi assim que duas das mais conhecidas perversões sexuais arroladas pelo autor ficaram definitivamente vinculadas aos nomes de dois escritores: o prazer em causar dor ao parceiro foi batizado de sadismo, em referência ao Marques de Sade, enquanto o prazer obtido por meio do sofrimento, o masoquismo, associava-se indelevelmente ao nome do autor de *A vênus das peles*. (Ferraz, 2017. p. 9).

⁷ Krafft-Ebing, R. Von. (1886). **Psychopathia sexualis**. Trad. Twelfth English Edition of Psychopathia Sexualis, primeiramente publicada em 1903 por Ferdinand Enke, em Stuttgart. Burbank: Bloat, 1999.

Para Ferraz (2017), a abordagem científica de algo tão obscuro e cercado de tabus, como era a sexualidade e, a *fortiori*, as perversões sexuais, fez com que o trabalho desse psiquiatra repercutisse nos meios intelectuais e literários de todo o mundo ocidental. Desta forma, a vênus das peles de Sacher-Masoch foi reduzida a análises clínicas a respeito do masoquismo, cuja relevância está associada a uma perversão sexual.

4. O PERCURSO ERÓTICO EM A VÊNUS DAS PELES: O CONTRATO DE SUBMISSÃO

“E Deus o puniu, e o entregou às mãos de uma mulher”. (Masoch, 2015, p. 19). Essa frase inicia o romance e foi retirada do livro de Judite, ao qual narra a decapitação de Holofernes pelas mãos de Judith, ato do qual Severin, admite sentir inveja.

Essa inveja do herói masoquista está relacionada ao desejo de entregar-se a uma mulher, ou melhor, a uma deusa que usa peles, da forma mais terrena, sexual e carnal possível. A punição a qual Severin anseia só pode ser alcançada mediante a relação do martelo e da bigorna, do senhor e do escravo.

Para tanto, a construção do percurso erótico é associada a busca de Severin pela sua vênus das peles. A princípio, apresenta-se nos seus sonhos, como uma deusa gélida de mármore e depois transpõe-se em uma figura de mulher ardente, tão intensa quanto os fios rubros de seus cabelos e tão fria quanto a sua pele branca. Desse modo, o prenúncio do rastro de Eros na narrativa, apresenta-se num desejo inalcançável de um objeto amoroso.

O contato inicial com a vênus das peles ocorre mediante um relato do sonho que um amigo descreve a Severin. A partir disso, entende-se, que para a vênus, as relações amorosas devem ser baseadas puramente no prazer, tal como compreendiam os gregos, pois não há espaço para as moralidades puritanas de um amor cristão.

A natureza lhes parece algo hostil, fizeram demônios de nós, sorridentes deuses da Grécia, e de mim uma diaba. Só o que podem

é me esconjurar, me amaldiçoar, ou se entregar em sacrifício bacântico bem diante de meu olhar. E quando um de vocês têm a coragem de me beijar a boca vermelha põe-se logo a peregrinar a Roma em traje de penitência, a esperar que algum sangue jorre de um cajado ressequido, enquanto sob meus pés a todo instante brotam rosas, violetas, murtas, e o aroma que exalam não é sentido por vocês. Que fiquem em sua nórdica neblina, em seu incenso cristão. (Sacher-Masoch, 2015, p. 21).

Neste momento Vênus propõe a profanação do amor, com a existência de uma relação baseada no prazer *per se* com toda a violência que nele habita. Com isso, é a crueldade feminina que subjuga o homem como transgressão máxima do prazer. Logo em sequência ela continua a expor as máximas que essa crueldade pode realizar no homem:

Quanto mais devotada se mostra a mulher, mais de pronto se tornará intimidador e autoritário o homem; porém, quanto mais cruel e infiel, quanto mais o cobrir de maus tratos, quanto mais aviltantemente com ele brincar, e menos piedade demonstrar, maior será a volúpia suscitada no homem, mais será ela por ele amada, e contará com sua adoração. Foi assim, com Helena e Dalila, passando por Catarina II e Loa Montez. (Sacher-Masoch, 2015, p. 23).

Então, cabe a mulher conduzir/incitar a violência do seu prazer sexual e o do homem ao ser despótica com ele. Essa mulher, que libera as temíveis artimanhas de Eros, só pode ser acessível no sonho, afinal essa Vênus cruel é interdita aos enlances reais, é uma fantasia habitada no sonho. Neste sentido, o personagem principal também é acometido por essa Vênus ideal. Severin – um homem de pouco mais de trinta anos, é apaixonado por essa deusa inalcançável – de mármore. Por isso, ele crê em relações baseadas no sofrimento:

No sofrimento do homem está a força da mulher, e ela se presta a isso se o homem não se cuida. Ele tem apenas uma escolha: ser o tirano ou o escravo da mulher. Tão logo se entrega, já está com a cabeça sob o jugo e sente em seu dorso o chicote. (Sacher-Masoch, 2015, p. 28).

Com essa proposição, o personagem deixa claro o quanto as relações amorosas devem ser exercidas por relações de poder. O erótico é mantido por formas de poder: ou é tirano ou é escravo. Nessa problemática, as palavras de Vênus, ditas

anteriormente, exprimem o quanto o libertino ultassensual (como Severín se denomina) será a posição de escravo. Só cabe à mulher ser a déspota. Somente a vênus de peles pode exercer tal sofrimento em um homem.

Assim, só é possível para Severin apaixonar-se por uma deusa tão fria quanto o mármore que a compõe: “minha amada é de pedra”. (Sacher-Masoch, 2015, p. 31). Essa relação acontece pela necessidade de transmutar a sensualidade, onde o estado de maior crueldade reside primeiramente na frieza inanimada do objeto:

A aprendizagem se faz com mulheres de pedra. As mulheres só são perturbadoras quando se confundem com estátuas frias sob o luar ou com quadros ensombreados. Toda *A vênus das peles* está sob o signo de Ticiano, pela relação mística entre a carne, as peles e o espelho. É onde se forma o vínculo entre o gelado, o cruel e o sentimental. (Deleuze, 2009, p. 70).

O percurso erótico está traçado: é preciso amar uma deusa de pedra para transpor posteriormente a figura de uma deusa real. O erótico até o momento, passa por um processo de antropofagia de si, é preciso que Severin se dilacere em adoração para que a completude erótica aconteça:

– Amada, amada seja, que felicidade! E como o próprio brilho desvanece ante a bem-aventurança torturada de adorar uma mulher, que faz de nós seu brinquedo, o escravo de uma bela tirana, que impiedosamente nos põe a seus pés. (Sacher-Masoch, 2015, p. 33).

Nesse ínterim, a deusa de pedra será transmutada para a vizinha de Severín, uma jovem de vinte e um anos de idade, que mora no andar acima dele. Mesmo sabendo da existência de Wanda, Severin mantém-se preso a vênus do seu jardim e após indicar leituras para a sua vizinha, em um momento de puro êxtase, enxerga em Wanda as feições de vênus:

Há um murmúrio entre as ramagens e os caules, as folhas de meu livro farfalham, e murmúrio também há no terraço.

Um vestido de mulher.
É ela – Vênus – sem a pele – não, desta vez é a viúva e então – Vênus – Oh! Que mulher! (Sacher-Masoch, 2015, p. 36 – 37).

O desejo de Severin por Wanda Dunajew está mais que evidente e ambos começam o jogo de flerte, ou melhor, o estabelecimento do martelo e da bigorna. De um lado temos o homem que defende um relacionamento a partir de uma assimetria de forças e poder; do outro temos uma mulher que defende um amor sem culpa. (França; Machado, 2012).

Identificando-se como transgressora, uma mulher pagã que vê no pecado o deleite do prazer, é a geradora da desordem de uma moral cristã, que na sua perspectiva, não proporciona a mulher o êxtase erótico causado pela liberdade de transgredir. Afinal, à mulher cabe apenas o estado histórico do prazer:

Em meio a lágrimas e convulsões enganadoras e enganadas, falta diariamente com seus deveres cristãos, sempre tornando a procurar e a escolher e a recusar, nunca estão felizes, nunca fazem felizes e queixam-se do destino em vez de dar a ele o seu calmo consentimento. Prefiro amar e viver, como viveram Helena e Aspásia. A natureza não fez duráveis as relações entre homem e mulher. (Sacher-Masoch, 2015, p. 40).

Desta forma, Wanda não acredita em relações duradoras principalmente por que elas visam interditar os prazeres, em especial o prazer feminino, por meio da instauração do casamento tido como um contrato duradouro, até que a morte os separe. O maior interdito se concentra na castração sexual da mulher, ligando-o ao domínio do prazer masculino, a viúva “denuncia no casamento, na moral, na Igreja e no Estado as invenções masculinas a serem destruídas”. (Deleuze, 2009, p. 48):

Ouso arriscar que meus princípios são mesmo pagãos, e quero vivenciar minha conduta. Eu renuncio ao seu respeito hipócrita – prefiro ser feliz. Os inventores do casamento cristão o fizeram bem feito, assim como os que inventaram a imortalidade. Mas eu não penso em ser eterna, e quando, com um último suspiro, aqui tudo se findar com Wanda von Dunajew, que vantagem extrairei de meu espírito, em estado puro, se juntar a um coro de anjos ou se meu pó de novo se reunir em um novo ser? O certo é que não persistirei como sou – devo então renunciar em consideração a quê? Pertencer a um homem a quem não amo simplesmente por que um dia o amei? Não, eu tanto me recuso; amo a quem me agrada e, faço felizes todos os que me amam. (Sacher-Masoch, 2015, p. 40 – 41).

Assim, Wanda identifica-se com a deusa grega do sonho, é quem conduz o seu próprio prazer, sua sensualidade reside na ruptura com os padrões morais. O romance entre a viúva e Severin é estabelecido no limiar das forças etéreas, no percurso eros-morte.

A metáfora da morte erótica proposta por Bataille (2018) é essencial para análise do contrato de submissão, visto que o caminho erótico dos personagens atinge o ápice na consolidação do mesmo. “Se a união dos dois amantes é o efeito da paixão, ela evoca a morte, o desejo de assassinato ou de suicídio. O que designa a paixão é um halo de morte”. (Bataille, 2018, p. 44). Nessa perspectiva, ao entregar sua vida nas mãos de Wanda, Severin deixa claro a necessidade de alcançar a máxima do sofrimento, quer a punição de Holofernes. Não basta apenas os momentos da deusa vestida de peles, é fundamental a concretude de sua servidão. O masoquista precisa de relações contratuais, porém para que houvesse validade na relação entre a déspota e o escravo, ele deveria estar preso não apenas por beleza, mas também por vias autorizadas. No anseio de ser dona de Severin, eles viajam para Florença:

Estive aqui pensando... De que me valeria ter um escravo onde todos têm um escravo? Quero, sim, tê-los em nosso mundo civilizado, prosaico, filisteu, quero ser só eu a ter um escravo, e, com efeito, um escravo que não o seja sob o jugo da lei, não por meu direito ou por meu brutal poder, mas tão-somente por força de minha beleza e da minha conduta – quero tê-lo sem vontade própria, na palma da minha mão. Isso me atrai. Mas pelo sim e pelo não, vamos para um país no qual não nos conheçam, e onde, por isso mesmo, podes aparecer ao mundo como meu criado. (Sacher-Masoch, 2015, p. 85).

Ao expor para Severin o desejo de tornar-se completamente sua dona e de realizar o seu desejo de ser escravo, o personagem encontra-se extasiado por ter finalmente uma mulher-carrasco ao seu lado:

– Quero me dar, estar na palma da sua mão – disse, em júbilo, de repente, tonto de paixão, quase sem poder pensar com clareza, nem deliberar facilmente. – Sem qualquer condição, sem qualquer limitação do teu poder sobre mim, quero me entregar ao teu arbítrio, piedoso, que seja, ou ímpio – enquanto dizia isso, deixei-me cair da otomana a seus pés e olhei embriagado para ela. (Sacher-Masoch, 2015, p. 85).

É nesse momento delirante de prazer por finalmente estarem a um passo de unir-se no caminho de *Tânatos*, que Deleuze (2009) nos aponta como a pedagogia do masoquista em formar a sua déspota. Isso porque, ele persuadiu a mulher para aliar-se à mais estranha empreitada – o contrato de submissão.

Á vista disso, Severin recebe a ordem de ir ao quarto de sua dona. Ao encontrá-la vestida com um *deshabillé* sussurra para ela vênus das peles. Neste instante, ela o aprisiona ao seu busto e com beijos, lembra-o do juramento feito, dele de ser inteiramente seu escravo:

– Como ficas bonito – num sussurro – quando empolgado, quando falas tão apaixonado. Ah! Mais do que nunca, estou apaixonada por ti, e por isso serei dominadora, e forte, e cruel, mas temo não poder sê-lo.

– Isso não me preocupa nem um pouco... – eu a interrompi, rindo. – E o documento, onde está?

– Aqui – sentiu um pouco de vergonha ao puxar os papéis de entre os seios. Deu-os para mim.

– E para que tenhas a sensação de estar completamente em minha mão, redigi ainda um segundo, no qual, esclareces que está decidido a dar tua vida por mim. Então posso até te matar, se eu quiser.

– Faça-o.

Enquanto eu desdobrava o documento e começava a ler, Wanda apanhava tinta e pena, e chegando junto a mim, passou o braço em meu pescoço e, por sobre o meu ombro, pôs-se a observar o papel.

Começava assim. (Sacher-Masoch, 2015, p. 112).

Observa-se o desejo de Wanda em ser altamente cruel, porém teme não conseguir por conta da paixão que sente por seu submisso. Completamente educado e num tom romântico, Severin dialoga com sua senhora pedindo para que não temas por nenhum instante em ser dominadora, em pôr em cena o poder que tem sobre a vida e a morte do seu escravo. Severin deseja a morte pela mão de uma mulher! Só a morte é capaz de atingir a máxima do prazer. Seguindo esse rasto, os primeiros parágrafos já revelam a existência da morte de Severin, a confirmação é numa versão metafórica para o surgimento de Gregor. Antes disso, o Severin deve tornar-se noivo de Wanda, renunciar todos os seus direitos e privar-se de sua liberdade:

A contar da presente data, o senhor Severin von Kusiemski passa a ser noivo da senhora Wanda von Dunajew e renuncia todos os seus direitos; ele, com sua palavra de honra na condição de homem e

fidalgo, doravante fica obrigado a ser dela o escravo enquanto ela própria não lhe conceder a liberdade.

Na condição de escravo da senhora Von Dunajew, atenderá pelo nome de Gregor, satisfará a todos os seus desejos, obedecerá a todas as suas ordens, se mostrará sempre completamente submisso à sua dona [...]. (Sacher-Masoch, 2015, p. 112).

Nas primeiras linhas, Wanda deixa claro a necessidade de firmar uma relação legalizada perante a lei dos homens, e que, para gozar dos direitos sobre ele, é necessário o enlace moral, ainda que apenas contratual, a paixão deve estar condicionada a um desemboque racional de civilização.

Neste sentido, os parágrafos seguintes apontam a urgência de explicitar os direitos da mulher-carrasco perante o seu escravo que deve obedecer sempre passivamente:

A senhora Von Dunajew deverá punir seu escravo a seu bel-prazer, não só pelo que lhe pareça o menor descaso ou a menor falta, como também terá o direito de o maltratar, seja por capricho, seja por passatempo, como bem lhe convier, mata-lo até mesmo, se assim o preferir; em suma, terá sobre ele um direito de propriedade ilimitado. (Sacher-Masoch, 2015, p. 113)

Propriedade ilimitada, é assim que a relação erótica dos personagens se sustenta. Cabe ao martelo bater na bigorna, de tal forma que a única opção é ceder a batida ou regozijar-se com ela. Apesar de Wanda exercer o papel da mulher fria e cruel, o desejo de ter a vida de Severin continua vinculado a uma posse materialista. O corpo do seu escravo constitui-se o lugar criador de Wanda enquanto déspota. Manter-se unida a ele é fundamental para a sua existência. Sem Gregor, não há mulher-carrasco:

Se a senhora Von Dunajew vier a conceder a liberdade a seu escravo, o senhor Severin von Kusiemski se compromete a esquecer tudo o que experimentou ou suportou como escravo e, jamais, em tempo algum, sob nenhuma circunstância, cogitará vingança ou retaliação. De sua parte, a senhora Von Dunajew compromete-se, na condição de dona de seu escravo, sempre que possível, a se apresentar com peles, especialmente quando tiver intenção de ser cruel para com ele. Nestes termos encontram-se concordes na presente data. (Sacher-Masoch, 2015, p. 113).

Vê-se que a liberdade para o escravo é uma opção quase irrisória, uma vez que o poder libertador está com Wanda, a mesma não possui intenção de deixá-lo com vida, já que a liberdade de Severin culmina na morte de sua déspota. O esquecimento, a qual Severin está condicionado, caso o enlace amoroso acabe, comprova isso. Afinal, o esquecer-se faz com que Wanda volte a vida normal como uma bela jovem viúva apta ao casamento, aos contratos moralmente aceitos. Porém, será que Severin – Gregor é mesmo a bigorna?

Assim, quando Wanda afirma apresentar-se sempre com as peles quando for extremamente cruel com Severin, aponta na enunciação final do contrato o desejo do herói masoquista prevalecendo, visto que sempre nas indicações de relações sexuais entre eles, cabe à vênus das peles exercer todo o seu poder de sofrimento com o uso delas. A fantasia das peles, é única e exclusiva de Severin.

Dessa forma, podemos perceber que na relação masoquista o cruel é formado pelo masoquista, “não estamos mais diante de um carrasco que se apodera de uma vítima e goza à custa dela, com um prazer inversamente proporcional ao seu consentimento e ao quanto ela é persuadida”. (Deleuze, 2009, p. 23).

Esse caráter pedagógico do masoquista, perante a déspota, evidencia o puro desejo de Severin em sentir-se no limite do sofrimento. Isso fica claro no segundo contrato, quando, prestes a entregar sua vida a Wanda, ele suspende o desejo como se fosse desistir, deixando a jovem incitá-lo para enfim assinar o contrato: “após anos de uma existência atribulada por fastios e decepções, por livre e espontânea vontade eu ponho fim à minha vida inútil”. (Sacher-Masoch, 2015, p. 113).

O objetivo desse segundo contrato é dar a sua vida para Wanda. Tendo como suposição uma morte por suicídio. Severin fica apavorado com a possibilidade real de entregar a sua vida à uma mulher: “um pavor profundo me envolveu quando findi a leitura. Eu ainda poderia voltar atrás, mas a demência da paixão, a visão da linda mulher que desfalecida se apoiava em meu ombro, era algo que me arrebatava”. (Sacher-Masoch, 2015, p. 113).

O desencadeamento provocado nesse momento, diz respeito a nova etapa do relacionamento entre Wanda e Severin. Isso porque ambos estão prestes a experienciar a transgressão sexual e moral ao mesmo tempo. Nesse segundo contrato, o interdito suprime a transgressão no instante que rejeita (pavor em assinar),

mas a fascinação (o ideal construído em Wanda) introduz a transgressão. Desta forma:

A violência, que não é em si mesma cruel, é, na transgressão o feito de um ser que a *organiza*. A crueldade é uma das formas da violência organizada. Não é forçosamente erótica, mas pode derivar para outras formas da violência que a transgressão organiza. Como a crueldade, o erotismo é meditado. A crueldade e o erotismo se ordenam no *espírito* possuído pela resolução de ir além dos limites do interdito. (Bataille, 2018, p. 103).

Tanto a crueldade quanto o erotismo são domínios vizinhos que tentam escapar ao poder do interdito. A crueldade deriva para o erotismo na relação Wanda e Severin. A violência erótica é crucial para a união dos personagens – é preciso constantemente suspender a morte, fazendo uso do sofrimento, do chicote, para alcançar o prazer de *Eros*. A busca por *Tânatos* só vem na transgressão com *Eros*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O erotismo é parte interior da vida do ser humano se diferenciando da sexualidade animal, já que se constitui por excelência como a atividade sexual do homem, revelando a passagem do animal humano ao humano. Bataille (2017). Então, ao tomá-la como força motriz da humanidade, a força de *Eros* torna-se violenta. Afinal, a busca pelo prazer só advém na vida civilizatória pela experiência do pecado, ou seja, por meio da transgressão, esta é o que nos faz emergir da condição animal, afinal de contas o pecado original simboliza a abertura do olhar, o surgimento da consciência e do voltar-se à vida interior, a quebra do interdito é o que cria a humanidade.

Ao transgredir, *Eros* movimentada a procura do prazer no caminho de satisfazer as obscuridades humanas. Desse modo, no romance de Sacher-Masoch o percurso erótico busca detalhar os sintomas de uma sociedade do século XIX que enxerga os prazeres pela ótica médica que adoce os corpos e os prazeres que desviam da sexualidade normal à época.

Até que ponto o percurso erótico está interseccionado na transgressão dos interditos? Na narrativa, a experiência erótica está condicionada forma como Severin e Wanda negociam a quebra de tais interditos. Mesmo imersos nas convenções

sociais, os personagens rompem com elas: Severin com sua filosofia ultrassensual e Wanda com desejos pecaminosos para uma mulher.

Neste íterim, as análises do *corpus* de pesquisa evidenciaram que o erótico - no contrato de submissão - fica intrínseco a pulsão de morte, ou seja, a força instintiva que deveria afastar a destruição da vida (*Eros*), na verdade provoca a linha tênue do prazer. Por mais que a morte do submisso não aconteça, a suspensão da morte é o xeque-mate do percurso erótico.

Assim, mesmo com toda a sintomatologia a qual o romance é visto e analisado em diversos estudos (Ribeiro,2017; Sampaio;2014) pelo masoquismo, o caráter literário da obra ainda possibilita discussões relevantes a temática da sexualidade e gênero, uma vez que tais investigações dissociadas da área psicanalítica ainda são incipientes no território brasileiro.

Portanto, os caminhos traçados nesta investigação nos conduzem a pensar o contrato de submissão como a metáfora para as interdições sociais, a qual o ser humano assina como promessa de encaixe ao processo civilizatório, mesmo admitindo que os tabus sexuais serão tanto transgredidos quanto incitados. Enfim, o prazer puramente erótico nunca coincidirá como prazer civilizatório, entre eles sempre haverá o interdito; a dialética de *Eros* e *Tânatos*.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 2017.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega: Vol II**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2009.

FERRAZ, Flávio Carvalho. Introdução. *In*: SACHER-MASOCH, Leopold von. **A vênus das peles**. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2015. p.7-18.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Cassandra Pereira; MACHADO, Júlia de Sena. Afinal, quem foi Sacher-Masoch. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 15, n. 2. jun. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142012000200015>. p. 419-434. Acesso em: 7 abr. 2021.

FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 19: Moisés e o monoteísmo**, compêndio de psicanálise e outros textos (1937 – 1939). São Paulo: companhia das letras. Disponível em: [///C:/Users/Windows%2010/Downloads/FREUD,%20Sigmund.%20Obras%20Ccompletas%20\(Cia.%20das%20Letras\)%20Vol.%2019.pdf](///C:/Users/Windows%2010/Downloads/FREUD,%20Sigmund.%20Obras%20Ccompletas%20(Cia.%20das%20Letras)%20Vol.%2019.pdf). Acesso em: 30 de abr. 2021.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Trad. Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar editors, 1975.

PLATÃO. **O Banquete ou do amor**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

RIBEIRO, Carolina Nassau. A metapsicologia do masoquismo: O enigma do masoquismo feminino e sua relação com a fantasia masculina. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**. n, 2, v. 20, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516>. Acesso em: 30 jun. 2021.

ROSA, Roberto Sávio. Lítania inextricável: transgressão e culpa como horizonte. **Problemata – revista internacional de Filosofia**. n. 1, v. 2. 2011. Disponível em: acesso em: 18 de abr. 2021. p. 131–144.

SACHER-MASOCH, Leopold von. **A vênus das peles**. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2015.

SILVA, Fábio Brandão; BRÍGIDO, Edimar. **A sexualidade na perspectiva freudiana**. Revista Contemplação. n,13. 2016. p.125–138. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/110/121>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SAMPAIO, Mafalda Margarida Bastos. **A Vênus das peles: Um olhar psicanalítico sobre o masoquismo**. 2014. Orientação: prof. Dr. Luís Manoel Romano Delgado. (Dissertação em Psicologia) – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VALENÇA, Ana Maria Macêdo. Um olhar sobre o erotismo. **Revista brasileira de sexualidade humana**. n. 2, v. 5. 1994. Disponível em:

https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/download/808/704. Acesso em: 18 abr. 2021. p. 147–159.

ZUCCHI, Vanessa. **A tessitura do desejo: corpo, sexualidade e erotismo nos contos de Anaïs Nin**. Dissertação (mestrado em Letras). Orientador: Ricardo Araújo Barberena. 2014. Porto Alegre. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2161>. acesso em: 14 de mar. 2021.